



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALEX DOUGLAS DE MELO ALVES

AS BODEGAS NO CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO DA CIDADE DE
GUARABIRA-PB

GUARABIRA
2019

ALEX DOUGLAS DE MELO ALVES

**AS BODEGAS NO CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO DA CIDADE DE
GUARABIRA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de Pesquisa: História, Memória e Cotidiano.

Orientação: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474b Alves, Alex Douglas de Melo.

As bodegas no contexto sócio-econômico da cidade de Guarabira-PB [manuscrito] / Alex Douglas de Melo Alves. - 2019.

25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Bodegas. 2. Comércio local. 3. Relatos de vivências. I.

Título

21. ed. CDD 658.041

ALEX DOUGLAS DE MELO ALVES

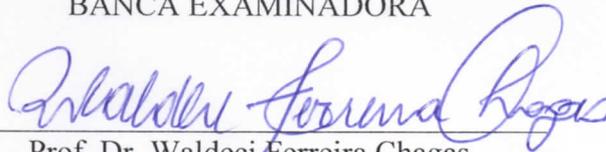
AS BODEGAS NO CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO DA CIDADE DE
GUARABIRA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em História.

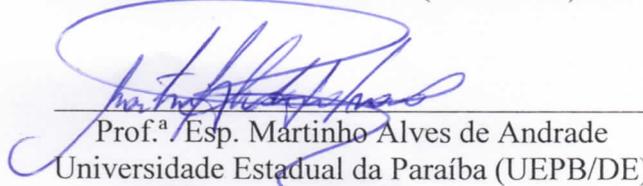
Linha de Pesquisa: História, Memória e
Cotidiano.

Aprovada em 18/06 /2019

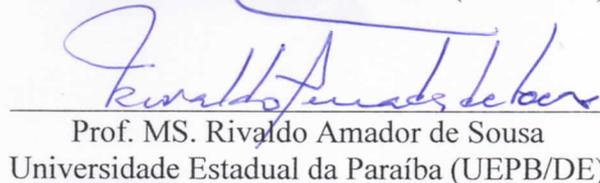
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldecj Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH) Orientador



Prof.ª Esp. Martinho Alves de Andrade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Prof. MS. Rivaldo Amador de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)

A todos Historiadores, pesquisadores e
estudantes, DEDICO.

E tanto tempo terá passado, depois, que tudo se tornará cotidiano e a minha ausência não terá nenhuma importância. Serei apenas memória, alívio, enquanto agora sou uma planta carnívora exigindo a cada dia uma gota de sangue para manter-se viva.

(Caio Fernando Abreu)

AS BODEGAS NO CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO DA CIDADE DE GUARABIRA-PB

Alex Douglas de Melo Alves¹

RESUMO

Neste artigo busca-se trazer o papel relevante que as bodegas têm na localidade em que estão inseridas, especificamente na cidade de Guarabira-PB. Para tal, analisamos as especificidades que são inerentes a esse tipo de comércio e de que forma se foi construído o contexto para que tais estabelecimentos pudessem surgir desde o tempo da Antiguidade até a Contemporaneidade. Além disso, serão expostos relatos sobre a história de três bodegueiros tradicionais da cidade (Duda Pontes, Jonas Firmino e João Viegas) e suas relações com os fregueses no que tange à memória e ao cotidiano das comunidades onde estão instaladas as atividades comerciais. Temos como aporte teórico, dentre outros, Andrade (2014), Augustin (2002), Kormikiare (2004) e Silva (2014). Diante do contexto, serão problematizadas as relações diferenciadas desses estabelecimentos, tais como as características e particularidades do contato com os fregueses, a forma de funcionamento dos locais e a resistência que enfrentam mediante as novas e modernas formas de comercialização.

Palavras-chave: Comércio local. Relatos de vivências. Bodegas.

¹Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
E-mail: millesdouglas@gmail.com

RESUMEN

En este artículo se busca traer el papel relevante que las bodegas tienen en la localidad en que están insertadas, específicamente en la ciudad de Guarabira-PB. Para ello, analizamos las especificidades que son inherentes a ese tipo de comercio y de qué forma se ha construido el contexto para que tales establecimientos pudieran surgir desde el tiempo de la antigüedad hasta la contemporaneidad. Además, se expondrán relatos sobre la historia de tres bodegueros tradicionales de la ciudad (Duda Pontes, Jonas Firmino y João Viegas) y sus relaciones con los clientes en lo que se refiere a la memoria y al cotidiano de las comunidades donde están instaladas las actividades comerciales. Tenemos como aporte teórico, entre otros, Andrade (2014), Augustin (2002), Kormikiare (2004) e Silva (2014). Ante el contexto, serán problemáticas las relaciones diferenciadas de esos establecimientos, tales como las características y particularidades del contacto con los clientes, la forma de funcionamiento de los locales y la resistencia que enfrentan mediante las nuevas y modernas formas de comercialización.

Palabras clave: Comercio local. Relato de vivencias. Bodegas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. O SURGIMENTO DO COMÉRCIO.....	09
3. AS BODEGAS: PRIMEIROS NÚCLEOS COMERCIAIS EM GUARABIRA.....	12
4. HISTÓRIAS DE BODEGAS: ALGUNS ASPECTOS.....	16
4.1 BODEGA DE DUDA PONTES.....	16
4.2 BODEGA DE JONAS FIRMINO.....	18
4.3 BODEGA DE JOÃO VIEGAS.....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo analisamos a influência das bodegas no cotidiano socioeconômico e cultural da cidade de Guarabira-PB, seu papel social nos bairros, bem como a resistência dos bodegueiros às novas formas modernas de comercialização de produtos. Faremos, desse modo, um breve histórico sobre o surgimento do comércio em geral, assim como recorreremos, também, à memória de alguns bodegueiros. Diante disso, nos utilizaremos dos relatos de alguns proprietários de bodegas para discutir a seguinte questão: a relação dos bodegueiros com os fregueses que costumam (ou costumavam) fazer compras nas bodegas e a contribuição desse tipo de relação para a permanência das bodegas.

Para a construção do artigo conversamos com três bodegueiros que se dispuseram a falar sobre suas histórias e a relação com as bodegas, por isso utilizamos o conceito de memória segundo Augustin (2002) quando afirma que “a memória é um fenômeno vivo nas tradições orais, e os testemunhos materiais podem ser seus estimuladores, porque ela consiste na capacidade de guardar o que se quer lembrar”.

Dessa forma, ao tentar fazer um registro do cotidiano da cidade através da inquirição da memória pretende-se, de acordo com Augustin (2002), “tornar presente o ausente, de registrar uma ausência por meio das lembranças de um passado” para trazer à tona o que estava submerso na memória dos sujeitos da vida cotidiana das cidades, sujeitos esses que podemos considerar como esquecidos ou invisíveis, mas que carregam a história e o cotidiano das localidades onde estão inseridos.

2. O SURGIMENTO DO COMÉRCIO

A civilização fenícia se destacou na história como sendo uma das mais antigas a comercializar e fazer trocas. Essa civilização empreendeu navegações por todo Mediterrâneo e fora dele, levando e trazendo produtos das mais distantes regiões, disseminando produtos e novas culturas. Kormikari (2004, p. 127) destaca que “os modos e processos de troca empregados pelos fenícios no Levante remontam ao período do Bronze no mediterrâneo oriental”.

No decorrer da história da humanidade a atividade comercial evoluiu e se modificou à medida que as sociedades se desenvolveram. Na Idade Média, novos conhecimentos e técnicas surgiram e a partir da atividade comercial elas foram mutualmente trocadas entre as comunidades. O excedente gerado com as mudanças tecnológicas deu a oportunidade de se gerar o acúmulo de produtos. Nesse contexto, uma nova concepção surge e nela o capital domina:

Ainda na Idade Média, surgiram os mercados modernos. Estes se disseminaram no ocidente europeu e eliminaram as formas arcaicas de trocas, a exemplo da pequena feira de aldeia, submetidas depois às grandes cidades que nasciam. (CLEPS, 2004, p.6)

No medievo, com o incremento de novas técnicas de agricultura, pecuária e com engenhosos objetos fabricados pelos artesões, o comércio realizado entre as pessoas da mesma comunidade passou a ter novos rumos. Ao se constatar as diversas mudanças que ocorreram na Idade Média, no que diz respeito às atividades comerciais, Lefebvre (1999) nos mostra que:

A revolução medieval introduz o comércio na cidade e o instala no centro do espaço urbano transformado. A praça do mercado, diferente da ágora e do fórum, de acesso livre, se abre de todas as partes para o território circundante (que a cidade domina e explora) para a rede de rotas e caminhos. O mercado, invenção genial, diferente do pórtico quanto da basílica, abriga as transações e permite às autoridades controlá-la.

Com o advento das grandes navegações no século XV, mundos até então desconhecidos foram conhecidos, o que trouxe novas possibilidades de interação e comércio. Um grande e novo continente foi descortinado, civilizações foram exterminadas, guerras foram feitas, novos espaços passaram a ser conhecidos, entre eles o Brasil. Junto a tudo isso estava o comércio servindo de motor exterminador e criador de novas realidades:

Na expansão portuguesa houve de tudo um pouco: descobrimentos, em absoluto, e não apenas para os europeus, de novas terras, novos mares, novas estrelas, como diria Pedro Nunes, e viagens de descobrimento; evangelização com mão armada e também com martírio e novos métodos linguísticos; tráfego e troca de riquezas, de ideias, de técnicas, de animais e de plantas; guerra e paz armada com violência extrema de todas as partes; fome de honra; coragem para além do que pode a força humana; altruísmo, sacrifício; antropofagia no limite e recusa dela; troca de ideias, de cerimônias, de vocábulos; confronto de culturas. (COELHO, 2000, p. 60)

Segundo Fausto (1996, p.31):

A forma pela qual, ao longo de alguns séculos, a Coroa Portuguesa tratou de assegurar os maiores ganhos do empreendimento colonial relaciona-se com as concepções de política econômica vigentes na época, abrangidas pela expressão mercantilismo.

O objetivo do mercantilismo era o acúmulo de metais preciosos. Quanto mais um reino acumulasse metais mais rico seria. As atividades comerciais voltaram a ressurgir, mas eram estigmatizadas:

O comércio era considerado uma profissão menos digna e, em teoria, os homens de negócios estavam excluídos das Câmaras e das honrarias. O fato de que muitos deles fossem cristãos-novos, ou seja, de ascendência judaica, acrescentava outro elemento de discriminação. Os artesãos também eram depreciados, pois considerava-se o trabalho manual uma atividade inferior. Quase sempre sem representação nas Câmaras, conseguiam às vezes se fazer ouvir pela voz do "juiz de fora", magistrado profissional indicado pela Coroa que presidia a Câmara nas cidades maiores. A partir de um reduzido número, o grupo cresceu tanto quantitativamente como em sua expressão social, a ponto de alguns alfaiates se colocarem à frente de uma rebelião contra a Coroa, na Bahia, em fins do século XVIII. (FAUSTO, 1996, p.42)

Havia, também, a mácula da escravidão, algo que marcou profundamente a sociedade brasileira e deixou suas consequências até os dias de hoje. Pressionado pela Inglaterra, o Brasil gradativamente elaborou leis que viriam a abolir a escravidão. Mas longe de um motivo humanitário da Inglaterra, o que se tinha em mente era tão somente os aspectos econômicos, o comércio de seus produtos estava nas intenções. Sobre a pressão inglesa ao governo brasileiro Silva (2007, p. 32 - 33) diz que:

No que se refere ao Brasil, estas pressões vinham de longa data. Os primeiros passos para a abolição do tráfico foram dados ainda quando o Brasil era colônia de Portugal. Aproveitando-se da fragilidade portuguesa ante a invasão napoleônica na península ibérica em 1807, seguida da transferência da família real para o Brasil sob proteção de uma frota inglesa no ano seguinte, o governo britânico conseguiu a

assinatura de vários tratados comerciais que lhe davam enorme vantagens econômicas. No tocante ao tráfico, pelo disposto no artigo décimo do Tratado de Aliança e Amizade (1810), o príncipe regente concordava em cooperar com a Grã-Bretanha adotando medidas mais eficazes para propiciar a abolição gradual do tráfico de escravos em todos os seus domínios e não permitindo que o tráfico fosse restabelecido nas regiões onde outrora os Estados e nações da Europa comerciavam. Os súditos portugueses, porém, conservavam o direito de traficar escravos dentro dos domínios africanos da coroa de Portugal. Ressalta-se aqui que nesse instante já estava posta a ideia de que qualquer forma de abolição do tráfico e da escravidão deveria ser encaminhada de forma gradual, de modo a não causar grandes abalos nas relações comerciais e sociais estabelecidas.

Nunca é demais destacar os movimentos internos que existiam com o intuito de acabar com a prática escravocrata. A abolição veio de um conjunto de fatores internos e externos.

3. AS BODEGAS: PRIMEIROS NÚCLEOS COMERCIAIS EM GUARABIRA

Para se entender o processo que deu origem à evolução de vilas em cidades na Paraíba, deve-se levar em conta as variáveis econômicas estaduais, bem como regionais e nacionais. Até o século XIX todas as atividades econômicas eram estabelecidas a partir de interesses coloniais.

Na Paraíba, o processo de ocupação do território se deu primeiramente em função da produção do açúcar, que beneficiou especificamente as cidades que se encontravam próximas aos campos de cultivo da cana de açúcar, e que tinham um porto para escoar a produção. Destacam-se durante os séculos XVI e XVII a cidade da Parahyba (João Pessoa), com o porto do Capim e Mamanguape, que até o final do século XIX era um importante centro comercial e cultural em função de seu porto. (SILVA, 2004, p.34)

Criados a partir das feiras de gado, novos povoados se formavam na Paraíba. Tais povoados logo se tornariam cidades com todas as necessidades inerentes a elas, tais como uma população consumidora e a necessidade crescente por produtos dos mais variados. Esses fatos proporcionaram o surgimento de estabelecimentos comerciais.

Do ponto de vista comercial, as feiras se constituem na forma de comércio mais tradicional do Estado e tiveram uma importância histórica relevante na formação de povoados, sobretudo as feiras de gado. Muitas cidades do interior tiveram sua origem como ponto de parada dos tangerinos que tangiam boiadas do sertão para o litoral. Podemos citar Campina Grande, Areia, Itabaiana, Taperoá, Santa Luzia, Monteiro e outros centros de zona. (SILVA, 2004, p.34)

Guarabira é cidade paraibana privilegiada por sua posição geográfica (além de suas atividades comerciais), pois fica a menos de 100 Km das duas maiores cidades da Paraíba: João Pessoa e Campina Grande. Na primeira metade do século XX, grandes comerciantes de algodão e agave se instalaram nessa cidade, seus produtos eram comprados e exportados para diversas cidades do Brasil a fim de abastecer indústrias têxteis. Nessa época, o trem de passageiros e carga era o principal responsável pelo escoamento da produção e funcionava, também, como fundamental meio de transporte do período. A linha férrea cortava a cidade, o que possibilitava o escoamento da produção e a locomoção das pessoas de uma cidade para outra. Essa realidade promoveu o desenvolvimento do comércio local e de toda região polarizada por essa cidade:

O comércio, assim, como um todo era pujante, monopolizando toda região; daquela época ficaram famosos também os armazéns de Álvaro Jorge, as lojas de Francelino Costa, Anísio Maia (...) e a loja de Leonel Ferraz, abarrotadas de tecidos, de longa tradição na cidade, gozando seu proprietário de largo conceito. (ALVES, 2007, p 90).

Com características peculiares e bem definidas, as bodegas, também chamadas vendas e mercearias, são parte da paisagem interiorana de muitas cidades nordestinas. Elas assumem um papel primordial na economia e também nas relações sociais nas localidades onde foram criadas e ainda existem, geralmente, nos bairros periféricos das cidades.

No cotidiano, as pessoas usam os três nomes para se referirem ao mesmo estabelecimento comercial: bodegas, mercearias e vendas. Todas elas se caracterizam por ser um ambiente comercial onde a variedade e a quantidade do produto é de acordo com a necessidade do freguês. Jessier Quirino, em sua literatura popular, relata:

No balcão de madeira descascada
 Duas torres de vidro são vitrines
 A de cá mais parece um magazine
 Com perfumes e cartelas de Gillete
 Brilhantina safada, canivete
 Sabonete, batom... tudo entremado
 Filizolla balança bem ao lado
 Seus dois pratos com pesos reluzentes
 Dá justeza de peso a toda gente
 (QUIRINO, 2001. p.21).

Neste trabalho, utilizamos o termo bodegas para caracterizar um pequeno estabelecimento comercial onde se vende de tudo um pouco e na quantidade que o cliente desejar. Elas sevem para abastecer a população local de produtos manufaturados de uso diário, algumas também têm a função de bar e boteco, pois é comum se encontrar o freguês tomando uma cerveja ou uma dose de cachaça. Geralmente nas bodegas não há mesas com cadeiras onde o freguês senta para beber. Desse modo, a bebida, assim como o tira-gosto (geralmente limão), o freguês consome em pé.

Esses estabelecimentos também comercializavam um pouco de tudo dentro da linha de secos e molhados: cereais, enlatados, sardinhas, charque, macarrão, manteiga, biscoitos, querosene, bebidas etc. Ofereciam bens de consumo essenciais para o dia a dia de uma casa. Mas as mercearias também eram espaços de encontros, de sociabilidades, e marcavam a paisagem da cidade. (AMORIM, 2011 p.13)

Na bodega se compra o pão de cada dia, a vela para as noites em que falta energia, as caixas de fósforos para acender os fogões, os cabos de vassouras e os refrigerantes para o almoço do domingo. Tudo se encontra e se compra a varejo (a granel) e na quantidade desejada. Os produtos indispensáveis nas residências, que a dona de casa só percebe a falta quando precisa, são encontrados na bodega. Geralmente essa compra é feita por um menino que leva o pedido escrito em um pedaço de papel para ser entregue ao bodegueiro que atende a solicitação e anota o valor na caderneta.

Comumente, os bodegueiros têm um caderno de arame onde faz a anotação do que cada freguês compra. Cada qual possui uma página ou uma caderneta (caderno pequeno com arame) individual onde tudo é anotado. Esse tipo de relação comercial entre o bodegueiro e o freguês ocorre porque, comumente, os fregueses são todos vizinhos que moram no entorno da bodega, ou seja, os bodegueiros os conhecem.

Essa maneira de fazer negócio, isto é, de comprar, vender e anotar na caderneta ainda permanece na bodega porque há uma relação de proximidade e confiança entre as partes. O bodegueiro conhece todos os seus fregueses, sabe, portanto, de sua procedência e caráter.

Existe, por parte do bodegueiro, resistência às novas tecnologias ou o velho modo de vender só se mantém vivo devido ao bodegueiro confiar em seus fregueses? Em meio a esse questionamento a caderneta cumpre seu papel de registrar tudo que o freguês compra. No final do mês o bodegueiro, sob o olhar atento e desconfiado do freguês, soma e diz o quanto ele deve. Às vezes, ocorre de o freguês não pagar a conta total, pagando apenas parte dela ou pagar uma feira e ficar anotada a feira feita, que será paga no mês seguinte e sem juro. Esse

tipo de negócio não fundamentado no juro talvez explique, também, o fato de as cadernetas ainda se sustentarem.

Figura 1: Caderneta da mercearia de Jonas Firmino



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

A única garantia que o bodegueiro tem para vender a prazo e sem juro é a confiança no freguês. A confiança é adquirida através do tempo, ou seja, do ato de comprar e pagar. À medida que as compras são feitas e pagas a confiança é solidificada. Nesse processo, também se leva em consideração a relação de amizade, visto que os fregueses nasceram, se criaram no entorno da bodega e o bodegueiro os conhecem. Esse tipo de relação não é possível com o proprietário de supermercado, sobretudo, quando se trata de um estabelecimento que pertence a uma rede. Nesses estabelecimentos comerciais a relação se faz com base na lógica do mercado. Nas compras a prazo cobram-se juros e elas são realizadas através do cartão de crédito. O ambiente das bodegas humaniza esse tipo de relação, uma vez que esses locais fazem parte do contexto social e de convivência dos fregueses que moram no bairro. Afora isso, o dono da bodega também mora no mesmo local onde funciona o estabelecimento comercial e integra a comunidade.

Uma outra característica das bodegas é a ausência de horários nitidamente definidos, diferente do que se vê em supermercados e redes de lojas maiores. Esses estabelecimentos seguem uma rígida ordem de horários, diferente das bodegas que se abre muito cedo por conta de venda do pão, não se fecha para almoço e se estende até muito além do horário normal que outros estabelecimentos costumam fechar. Além do mais, o bodegueiro está sempre à disposição, mesmo depois de fechado, para atender alguém da localidade que bata em sua porta a procura de algo que tenha faltado em sua residência.

Também é de se notar que em muitas delas não se fecha nem mesmo nos domingos ou feriados. É um modelo de trabalho muito exigente, às vezes degradante, que não segue as normas trabalhistas estabelecidas. Quem faz a normas são os próprios proprietários que respondem negativamente à pergunta se mudariam de vida e/ou de ramo.

O cotidiano e os relacionamentos em que as bodegas estão inseridas são moldados por um conjunto de práticas e vivências singulares a esses ambientes. Em alguns casos vemos,

também, o funcionamento de um bar, o que mostra o quanto eclético pode ser esses locais. Para além das relações comerciais que nelas ocorrem, tem-se um ambiente onde histórias e fatos são narrados por quem frequenta e interage com o bodegueiro. Entre um gole e outro de bebida os fregueses relatam as últimas novidades ocorridas no bairro ou comentam sobre o que está em evidência na localidade e na cidade, o que faz das bodegas espaços de atualização das informações, sobretudo para os que se interessam pela vida alheia.

A história de vida de cada morador/a do bairro onde a bodega está localizada também é vivida e transmitida a partir das histórias e relatos narrados sobre fatos passados, os quais são contados pelas pessoas mais idosas. Tais narrativas fazem parte do repertório de histórias narradas nas bodegas, as discussões políticas passadas e presentes, os fatos marcantes locais e regionais. Tudo isso é vivenciado no universo das mercearias, onde os arquivos orais são registrados nas memórias de seus frequentadores.

Por esse motivo, fazemos uso dos relatos de alguns bodegueiros e recuperamos panoramicamente o cotidiano, costumes, hábitos e vivências das pessoas locais cheias de histórias. Levaremos em conta, na próxima parte, as memórias dos comerciantes e seus relatos orais para debatermos tais questões.

4. HISTÓRIAS DE BODEGAS: ALGUNS ASPECTOS

Nesta parte analisamos a vida e história de alguns bodegueiros da cidade de Guarabira-PB. Usamos dos relatos de três comerciantes desse ramo para tentarmos entender um pouco do que os movem para continuar resistindo às evoluções que esse setor vem sofrendo ao longo do tempo e quais suas relações com a comunidade, histórias, dificuldades e perspectivas. Ouvimos os relatos do senhor Jonas Firmino, Manoel Santos de Pontes (Duda) e de Seu João Viegas, todos ele tradicionais bodegueiros em Guarabira-PB.

4.1 BODEGA DE DUDA PONTES

Iniciamos com o Senhor Manoel Santos de Pontes, mais conhecido como Duda. Sua Bodega está localizada em uma das ruas mais antigas de Guarabira, rua onde foi assassinado, nos ano de 1926, o prefeito Manoel Lordão, por isso, o local leva seu nome. Essa rua de Guarabira também é conhecida como rua do *Boi Chôco*. Sobre essa rua Alves (2007, p. 193) nos faz um relato acerca do inusitado nome pelo qual ficou conhecida:

Em tempos remotos, sabe-se que vivia numa gleba próxima à estação ferroviária, uma gente de nacionalidade francesa. O seu refúgio constituía um bosque fértil e verdejante. Os simpáticos gauleses o chamavam no seu doce idioma “le Bois des oiseaux” – o bosque dos pássaros; abundantes na região com suas variedades de plumagens e o seu chilrear para deleite dos que ali moravam. A outra versão seria: “Le Bois chaud” – bosque quente. Os da terra na ignorância do idioma de Voltaire passaram a denominar o local de Boi Chôco, nascia assim a rua famosa, de tantas tradições. É pena que não existam registros a respeito dessa gente gaulesa, de qual região do país procediam, como aqui chegaram, as suas ocupações, devia ser um pessoal bastante curioso, de perfil bem definido e falando aquela língua doce e poética. Sabe-se por informes dos mais antigos, que na frente da chácara havia uma placa, em francês, com o nome daquele bosque.

Nas proximidades dessa rua se encontra, também, a estação de trem de Guarabira-PB, desativada pela RFFSA em 1979 e próxima a Bodega acima citada. Ele também nos relata que quando criança a diversão era pegar carona escondido no trem que passava:

Me chamo Manoel Santos de Ponte, tenho 60 anos. Quando era criança trabalhava na venda do meu Pai Oswaldo Barbosa de Pontes e sempre observava a bodega de seu Manoel Mariano, bodegueiro antigo da rua e que ficava quase em frente a de meu pai. Meu pai era um homem viúvo e fazendeiro, um homem de posses e antigo morador da rua Manoel Lordão. Minha mãe faleceu aos 33 anos de complicações no parto. Com o trabalho com meu pai, juntei um dinheiro, no intuito de comprar a bodega de seu Manoel Mariano. Acabei comprando ela e deixando de trabalhar para meu pai, fui ser proprietário do meu próprio ponto. Meu pai possuía a bodega dele desde a década de 50 e desde que me entendo por gente ajudei ele. Sigo trabalhando até hoje nesse ramo, de domingo a domingo, feriado a feriado e sem fechar para almoço. (PONTES, 2019)

É impressionante vê a variedade de produtos que constam na bodega de Duda. Lá se encontra de tudo em um verdadeiro caos de mercadorias, onde o cliente pede o produto

desejado e ele de imediato encontra em meio às prateleiras e fardos de ração de animais e montanhas de produtos. Sobre a história dessa bodega, Andrade (2014) nos conta que:

Nas prateleiras grandes e pequenas da mercearia, onde estão expostas todas as mercadorias, e o prédio não é tão pequeno não, o interessante é que não existe cartaz algum especificando lhes os nomes e muito menos os preços. Mas Duda sabe de tudo isso e de cabeça. Faça-se a comprovação indo-se ali e perguntando pessoalmente. (...) Há muitos anos a Mercearia de Duda Pontes está servindo ao povo desta terra querida, e de modo surpreendente, sem o prédio ter passado por reforma alguma. Nem pintura as paredes internas tinham recebido. Mas agora, Duda se rendeu, me parece, aos tempos modernos e em sinais de ampla evolução vai promover pintura e reforma, que certamente melhorarão o atendimento à sua imensa freguesia.

Figura 2: Duda em meio à variedade de produtos.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

Como citou Andrade (2014) a bodega de Duda Pontes passou por uma reforma que modificou muita coisa. No entanto, discordamos de sua afirmação, pois quando olhamos para a bodega de Duda a impressão é a de que esse bodegueiro não se rendeu aos tempos modernos, uma vez que a essência do estabelecimento não foi modificada. Duda Pontes nem mesmo celular utiliza, quando há a necessidade de comunicação ele dá o número do orelhão que fica à frente de seu estabelecimento. Do mesmo modo, computador nunca sequer ligou. Apenas um artefato anteriormente discutido não tem na bodega dele: a caderneta de fiado, pois fiado ele não vende de forma alguma.

A mudança na faixa externa da bodega e o incremento do piso de cerâmica não fez, de forma nenhuma, a bodega de Duda Pontes ter ares de supermercado ou mercadinho. Tudo continua na arrumação de sempre: sacos de ração pelo chão, fardos de produtos para compra a granel e litros de cachaças antigas, as quais o tempo cuidou de amarelar.

Figura 3: Bodega de Duda Pontes.



Foto: Martinho Alves de Andrade, 2014.

Duda Pontes nos relata que, com a chegada dos supermercados de grande porte na cidade de Guarabira, um pouco de seu movimento caiu, mas os clientes antigos continuam e, além dos clientes locais, fregueses de outros bairros também o visitam quando querem algo que não encontram em outro lugar, tendo em vista a grande variedade de mercadorias que possui, além do fato de se encontrar sempre aberto, mesmo nos domingos e feriados.

4.2 BODEGA DE JONAS FIRMINO

A Bodega de Jonas Firmino dos Santos está localizada no Bairro Assis Chateaubriand, na Rua Odilon Pequeno. Como em grande parte das bodegas (que se passa de pai para filho), Jonas também trabalhou e herdou do pai, José Firmino do Santos, a bodega que administra hoje.

Figura 4: Bodega de Jonas/2019



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

Seu Zé Firmino, como era mais conhecido, nasceu no ano de 1924 em Serraria-PB. Faleceu em 2018 aos 94 anos. Trabalhou muito tempo pelo Rio Grande do Norte, nas frentes de emergências, na agricultura e em feira, como relata Jonas Firmino, seu filho e atual proprietário da bodega:

Meu nome é Jonas Firmino dos Santos, filho de José Firmino dos Santos. Meu pai, em tempos passados, trabalhou na emergência no Estado do Rio Grande do Norte, construindo açudes. Depois foi trabalhar na agricultura na cidade de Mari, na cultura do abacaxi na fazenda dos Tomé de Sousa, depois veio pra Guarabira trabalhar em barraco de feira. No final dos anos 70 ele abriu a bodega e, quando viu que ia dá certo, repassou a barraca de feira para o filho Kejinaldo. Eu desde o início eu o ajudei e ele repassou a responsabilidade para mim assim que se aposentou. Desde então, vou levando meu sustento com ela até os dias de hoje. Meu pai morreu ano passado (2018). (SANTOS, 2019)

Jonas nos relata que o primeiro bairro em Guarabira a receber o saneamento foi o Assis Chateaubriand no final dos anos 1980, no governo de Tarcísio Burity. Sua bodega serviu de apoio aos trabalhadores da obra que vinham com um vale trocar por alimentos.

Jonas mantém uma caderneta com 22 clientes de fiado, clientes que desde a época de seu pai continuam comprando e mantendo a relação da compra a prazo pela caderneta. Ele nos relata que, com a chegada dos supermercados, muitos produtos que eram vendidos a granel na bodega foram aos poucos diminuindo a procura, como é o caso de: toucinho de porco, sardinha de balde, fumo de corda, querosene, dentre outros.

Figura 5: Jonas conferindo o fiado.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

Na bodega de Jonas é possível notar que as relações de amizade entre ele e os fregueses são muito cordiais, sempre há espaço para o bate papo, para a fofoca e para a gozação. Não é difícil encontrar um cliente com algum insulto com Jonas que pode parecer, aos olhos dos desconhecidos, algo sério:

Tento levar o dia na descontração com meus fregueses, solto muitas piadas e também soltam comigo. Às vezes chegam alguns amigos para beber que trazem

algun tira gosto para eu preparar ou colocar em algum prato, eles só não deixam eu levar para dentro de casa o que trazem. (JONAS, 2019)

Isso acontece, segundo alguns amigos dele, porque as más línguas dizem que, se algo for para dentro da casa dele, só volta a metade. Mas nada disso o incomoda, tudo é levado na mais completa normalidade.

A partir dos relatos orais se nota a vida particular dos fregueses ser contada pelos bodegueiros, como se os conhecessem há muito tempo. Esse tipo de relação humaniza a relação bodegueiro e cliente. Conforme observa Amorim (2011, pág. 11):

O historiador que se aventura na pesquisa com fontes orais, além de utilizar um aparato teórico complexo, lida diretamente com a vida e, em alguns momentos, enfrenta limites que possuem relação direta com a intimidade do entrevistado.

4.3 BODEGA DE JOÃO VIEGAS

O Senhor João Viegas, um dos bodegueiros mais antigos da cidade de Guarabira, 75 anos, ainda continua trabalhando e resistindo aos tempos modernos.

Figura 6: Bodega de João Viegas.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

A Bodega do Senhor João Viegas está localizada próximo ao centro de Guarabira, na Rua Getúlio Vargas. Em conversa conosco disse que:

Desde de 1957 esse estabelecimento pertencia a meu pai, José Viegas. Trabalhava com ele e em 1977 comprei dele a bodega, já trabalhava com ele há 20 anos e meus irmãos foram todos para o Rio de Janeiro. Achava bonito antigamente na época de São João, onde a rua era uma fileira de fogueira, cada um que quisesse fazer a sua maior que o outro. Hoje isso não existe mais, os movimentos dos carros não deixam. (VIEGAS, 2019)

Seu João Viegas deixou transparecer a nostalgia de um tempo em que trabalhava na bodega com seu pai e lembrou vários aspectos da vida em família vivida na cidade de Guarabira-PB, a exemplo das tradições que compunham a cultura da época que hoje se encontram em desuso. Contou-nos, com certa tristeza, que não tem mais forças para trabalhar e que ano que vem está se preparando para fechar sua bodega, pois seus quatro filhos todos trabalham na iniciativa privada e não querem seguir seus passos:

Me encontro cansado, já trabalhei muito na minha vida. Com esse trabalho construí, em cima da minha bodega, casas para meus filhos, mas já decidi fechar meu comércio. Meus filhos têm os trabalhos deles, vou descansar. Estou aqui desde a época de meu pai, nada foi modificado, além de um teto de gesso que coloquei por conta da poeira. (VIEGAS, 2019)

João Viegas nos relatou que já chegou pessoas do Rio de Janeiro e de São Paulo, pedindo para tirar foto de sua bodega, já que ela é uma das mais antigas e tradicionais bodegas de Guarabira-PB.

Figura 7: Bodega de João Viegas.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

Ele ainda nos disse que a chegada dos supermercados grandes e a abertura de mercadinhos nas proximidades de sua bodega não afetou sua clientela de longas décadas: “muitos amigos que compravam a mim morreram, mas suas famílias permaneceram comprando”. Sua caderneta do fiado continua presente, na qual anota tudo com o maior cuidado. O Senhor João Viegas mantém em sua bodega uma relíquia antiga: uma balança Dayton. Essa balança servia para pesar as mercadorias na quantidade que o cliente desejasse.

Figura 8: Caderneta de fiado.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 9: Balança Dayton.



Foto: Arquivo pessoal, 2019.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não tem a intenção de se reportar ao passado, de modo glorioso e nostálgico, nem mostrar que o surgimento dos supermercados foi algo ruim para as bodegas. Sua intenção foi revelar as histórias que existem por trás desses esquecidos e aguerridos senhores que tiveram, e ainda têm, suas vidas marcadas pelo trabalho no pequeno comércio com o objetivo de mostrar a permanência das bodegas em meio ao surgimento dos grandes supermercados.

As bodegas e os bodegueiros fizeram parte de um contexto social importante para uma época, sobretudo, devido ao tipo de relações que empreenderam com as pessoas (os fregueses), o que contribuiu com a localidade e as pessoas. Assim, as bodegas cumpriram sua função social e econômica. Por essa razão, elas são ambientes repletos de histórias, ainda a serem desvendadas, que envolve narrativas sobre as pessoas que cotidianamente as frequentavam.

As paredes das bodegas decoradas com cartazes de propagandas de produtos diversos revelam o que os fregueses consumiam, ou eram induzidos a consumir. Nas paredes das bodegas são comuns os calendários com antigas datas, além de artefatos de valor pessoal dos proprietários. Tudo isso sem contar com o ar de coisas não ditas que impregna o ambiente, mas que gritam aos ouvidos e estampam os olhos de quem enxerga nas bodegas um passado que resiste e insiste em conviver na contemporaneidade.

As bodegas ainda beneficiam as pessoas que moram no seu entorno, nelas o fiado ainda é recorrente, enquanto o cartão de crédito é a vigência dentro dos supermercados. O capitalismo não diluiu totalmente esse tipo de relação comercial, onde a palavra é a garantia de que o pagamento do que foi comprado se efetivará. Esse tipo de negócio ainda resiste nas bodegas, palavra e amizade se fazem presente. Para retirar um (a) cidadão (ã) de uma situação vexatória basta apenas uma anotação na caderneta que tudo se resolve.

As relações de amizades criadas entre os bodegueiros e seus clientes vêm de décadas e permanecem. Esse tipo de relação é que permite que, em meio a uma fatalidade da vida, os bodegueiros socorram os familiares daquele seu antigo freguês. Esse tipo de relação fundamentado na confiança mútua entre bodegueiros e fregueses, certamente é um dos aspectos que contribui para a existência das bodegas na cidade de Guarabira-PB. A ida do menino às bodegas com esse recado: “Mãe mandou esse papel para o senhor mandar essas coisas” é a certeza de as bodegas são mais do que um estabelecimento comercial.

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN, Roberta Lopes. Memória e suas implicações na vida cotidiana: análise teórica. MÉTIS: História e cultura, 2002.

ALVES, Ednaldo. **Guarabira um olhar sobre o passado**. 2007

AMORIM, Helder Remígio de. História de Vida de Bodegueiros: memórias e práticas comerciais em uma cidade do sertão de Pernambuco “década de 1970”. In. **Revista Catarinense de História**, nº 19, 2011.

ANDRADE, Martino Alves de. Mercearia de Duda Pontes. CIDADE: História e Cotidiano, 2014. Disponível em: <http://martinhoalves.blogspot.com/2014/02/mercearia-de-duda-pontes-traco-cultural.html>.

COELHO, Antônio Borges. Os Argonautas Portugueses e o seu Velo de Ouro (SÉCULO XV-XVI) In. MATTOSO, TENGARILHA, José, et all. (Orgs). **História de Portugal**. Bauru (SP): EDUSC, 2000.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O Comercio e a Cidade: novas territorialidades urbanas. In. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 2004.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

QUIRINO, Jessier. Parafuso de Cabo de Serrote In: **Prosa Morena**. Recife: Edições Bagaço, 2001.

KORMIKIARE, Maria Cristina Nicolau. O comércio, as trocas e o sistema de dom entre os fenícios IN: Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo. Ed. UESB, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Trad. S.Martins. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1999.

SILVA, Ligia Maria Tavares da. Características da Urbanização na Paraíba. In. **Revista Cadernos do Logepa**, Ano 3, Número 5 - Jul/Dez de 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu irmão (*in memoriam*) Alain Charles de Melo Alves, pela vida compartilhada comigo, pela parceria e pela força que depositou em mim e em nossa família. Sua vida foi luz e alegria para todos nós.

À minha esposa, Juberlania Raiani de Oliveira Amorim de Melo, pelo companheirismo e compreensão nos momentos de ausência durante a feitura desta pesquisa e toda a graduação. Sua força guia minha vida, meu presente e meu futuro.

Ao meu filho, Vikthor Augusto Amorim de Melo, por me ensinar, diariamente, sobre persistência, cuidado, conforto e alento. Sua chegada foi um divisor de águas em minha passagem aqui pela Terra.

Aos meus pais, José Hamilton Gomes Alves e Rejane de Melo Alves, pela vida e pelo amor verdadeiro depositado em mim todos os dias de minha existência.

Aos meus irmãos, Renata Jeane de Melo Alves e Carlos Henrique de Melo Alves, pelo carinho e atenção.

Aos amigos e colegas da turma 2014.1 que dividiram comigo, durante esses últimos anos, as noites, as inspirações, as conversas, as divagações e as agonias.

Aos professores da UEPB, especialmente aos do curso de História, que compartilharam os conhecimentos e mudaram nossa orientação de vida através das leituras, discussões e partilhas diárias.

Agradeço, por fim, ao meu orientador Professor Doutor Waldeci Ferreira Chagas, por ter me orientado de forma tão cuidadosa na produção deste trabalho, pela paciência e conhecimento dividido comigo.